



CORPO-CASA-TELA:

Poéticas do sensível e intersecções entre o corpo, o tempo e a casa

Fernanda da Silva Ferreira¹

¹ Graduada em Artes Visuais (UFRB). Mestranda no programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Email: feferreir4s@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4380618764943870>; Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5880-5719>.

resumo_

O artigo propõe uma passagem pelos conteúdos teóricos, refletindo sobre o corpo como casa utópica e tela espiralar, compreendido enquanto território estético e político de inscrição de memórias e sensibilidades. Partindo de conceitos e pensamentos que articulam a noção de “corpo-casa” como utopia e heterotopia (Michel Foucault), espaço onde o sujeito habita, inscreve e é inscrito e de “corpo-tela” como performance do tempo (Leda Maria Martins), movimento espiralar que desestabiliza linearidades e abre caminhos para outras temporalidades. Nesse sentido, o corpo não é apenas objeto de representação, mas sujeito que se desenha e se escreve em camadas, espirais e fragmentos, oscilando entre o íntimo e o político, o visível e o indizível, revelando modos de existência e evocando o corpo-casa-tela como um espaço heterotópico, híbrido, em transformação. Um lugar outro. Um corpo possível.

Palavras-Chave: Corpo, casa, comunicação, cartografias visuais.

resumen_

El artículo propone un recorrido por los contenidos teóricos, reflexionando sobre el cuerpo como casa utópica y tela espiralada, comprendido como territorio estético y político de inscripción de memorias y sensibilidades. A partir de conceptos y pensamientos que articulan la noción de “cuerpo-casa” como utopía y heterotopía (Michel Foucault), espacio donde el sujeto habita, inscribe y es inscrito, y de “cuerpo-tela” como performance del tiempo (Leda Maria Martins), movimiento espiralado que desestabiliza las linearidades y abre caminos hacia otras temporalidades. En este sentido, el cuerpo no es solo objeto de representación, sino sujeto que se dibuja y se escribe en capas, espirales y fragmentos, oscilando entre lo íntimo y lo político, lo visible y lo indecible, revelando modos de existencia y evocando al cuerpo-casa-tela como un espacio heterotópico, híbrido, en transformación. Un lugar otro. Un cuerpo posible.

Palabras clave: Cuerpo, casa, comunicación, cartografías visuales.

Primeiro contato: uma carta para o corpo em espiral_

O corpo, em suas múltiplas expressões, é continuamente redescoberto. Reinventa-se, ressignifica-se, transforma as percepções que temos sobre ele, a cada época, cultura e grupo social. Carregamos a ideia do corpo como esse “lugar” inseparável de nós: onde quer que estejamos, em qualquer tempo ou instante, ele está ali, ou melhor, está aqui. Apegamo-nos à ideia de “si mesmo”, como um estado de meramente olhar para o nosso umbigo. Esquecemos que o corpo também é um encontro com outros corpos, assim, “revelar-se como corpo é expor-se, deixar-se nu diante dos próprios olhos, reconhecer a si, perceber-se como integrante de um universo amplo, complexo e repleto de outros corpos” (Hencke, 2022, p. 63).

Mas, voltando a pensar no corpo ao qual estamos atrelados a todo momento, acabo sempre transitando entre o pensamento do corpo presente-ausente como, esse corpo-movimento, em espaços outros, a frequentar novos lugares.

Há momentos, no entanto, em que a percepção de si escapa. O corpo, que antes parecia tão concreto, torna-se fluido, quase ausente, até que nos reencontramos com ele, seja pelo espelho, pelo toque ou pelo olhar do outro. Afinal, falar do outro, resgatar sua memória, não seria também uma forma de narrar a si próprio?

A repetição, a presença constante, reverbera nas imagens que formamos de nós mesmos. Esse corpo em devir, sempre outro, sempre entre, produz uma estranha familiaridade: aproxi-

ma e distância, tensiona e afrouxa a relação que mantemos com “ele”. Assim, “o corpo vivo é mais do que uma coisa estendida num espaço visual, e sim todas as relações que suscita e que em certa medida são absolutamente singulares” (Greiner, 2005, p. 101), inclusive, segundo Hencke e Greiner:

Um corpo vê, pensa, pulsa, geme, treme, transpira, emana fluídos, transforma-se num mecanismo de aprendizagem e experiências estéticas, não é um produto pronto e acabado, vive um continuum de transformações. A cultura corporal se constrói na relação individual e coletiva, o dentro e o fora, a emoção e a razão, a ação corpórea e a conceituação. (HENCKE, 2022, p.58 apud GREINER et al., 2005)

Dessas fissuras, revelações e apagamentos, surge a intenção deste artigo: refletir e nos aproximar desse corpo que, mesmo quando parece distante, está sempre presente. Ele é como uma casa, espaço de abrigo e também de desencontro. Mas, ao contrário da casa fincada no chão, o corpo não é estático: “o corpo muda de estado cada vez que percebe o mundo” (Greiner, 2005, p. 122). É matéria em movimento, em constante transformação, como uma tela sensível às inscrições, aos traços, aos desenhos que nele se inscrevem.

Temos, assim, um corpo-casa-tela.

É a partir desses encontros e desencontros que tento traçar, aqui, um caminho, um diálogo, que acompanhe os movimentos desse corpo em espiral, compreendido enquanto território estético e político, lugar de inscrição de memórias, sensibilidades e resistências. Um corpo que se do-

bra e se desdobra no tempo, e na construção de uma memória viva da experiência. E a partir das reflexões de Nancy, trago esse trecho que condiz muito com minhas percepções acerca do corpo:

Um corpo não é vazio. Está cheio de outros corpos, pedaços, órgãos, peças, tecidos, rótulas, anéis, tubos, alavancas e foles. Também está cheio de si mesmo: é tudo o que é. (Nancy, 2012, p.43)

Em paralelo, adoto o levantamento bibliográfico como metodologia para dar forma às minhas inquietações, procurando refletir e fazer diálogos com alguns autores, sobre essas relações a partir de epistemologias que levem em consideração as sensibilidades e subjetividades, tecendo uma ponte que me permite entrelaçar o corpo como casa utópica em Michel Foucault e o corpo-tela como performance do tempo em Leda Maria Martins. E, através dessas nuances, buscar compreender o que há “por trás da coisa corporal” (Rolnik, 2006, p.2).

Portanto, as palavras que surgem neste artigo são como linhas que se movem. Aos poucos, vão ganhando corpo pelos meus dedos, e é nessa costura que o texto começa a se formar. Convido você a desprender-se de onde está e, junto a mim, acessar esse corpo-casa-tela que pretendo habitar e explorar ao longo deste artigo.

TOCAR A PELE: DIÁLOGOS ENTRE CORPO, CASA E TEMPO__

Antes da palavra: o corpo como fala

Temos o corpo como potência viva e sensível, onde a pele, zona fronteira, é espaço de escuta e vibração. O corpo não apenas está no mundo, mas o inscreve e é inscrito por ele, onde palavras, imagens e gestos se entrelaçam como práticas de subjetivação, sendo suporte e superfície de criação.

Antes de falarmos, nosso corpo já disse a si mesmo e ao mundo o que pensa ou sente. Muitas vezes, o indizível e o sensível assumem uma fala que as palavras não alcançam.

O sujeito é cartógrafo de si e do seu corpo, escutando e exteriorizando inquietações e devires que cruzam as paisagens cotidianas. “O corpo surge como possibilidade de percepção de si, do outro e do mundo” (Hencke, 2022, p. 58). E é com esse pensamento que começo a pensar o corpo como dispositivo de comunicação. Antes de abrirmos a boca ou começarmos a escrever, nossos gestos já denunciam o que queremos dizer. O outro pode compreender o que expressamos por meio de uma linguagem que se baseia nas sensibilidades e nas expressões corporais. Ela emerge nos movimentos, emoções, gestos, sons e gesticulações que o corpo demonstra cotidianamente, como: franzir a testa, suspender o ombro, pequenas contrações musculares, um rubor inesperado, lacrimejar os olhos, a mudança no ritmo da respiração quando algo toca ou

incômoda, entre outros. Gestos que, mesmo à margem das palavras, comunicam, expressando significados, afetos e sentimentos.

O corpo recria-se cotidianamente e, nesse movimento, reconfigura suas formas de se comunicar e se posicionar no mundo. “A cada instante um novo comentário, uma nova interpretação, um novo desenvolvimento podem modificar o sentido que havíamos dado” (Lévy, 2010, p.22).

Vejo o corpo como zona de fronteira entre o que sente e o que expressa. A comunicação se constrói como um lugar onde “se vibra com os outros, em torno de alguma coisa” (Maffesoli, 2003b, p.14).

Diante das narrativas que construímos de nós, nossa subjetividade encontra lugar, abrindo portas para afetos e pensamentos. O corpo vira arquivo que guarda sentimentos e memórias (Rolnik, 2006), tornando-se passagem para cartografias atravessadas pela linguagem, cultura e tempo.

Ao se pôr no mundo, o corpo se aproxima e se afasta das forças que o movem. Está sempre em transformação, mobilizando sua subjetividade como potência de criação e resistência. “Um imaginário da flutuação e da fluidez [...] inventando percursos através dos quais se elabora como sujeito” (Fagundes, 2015, p. 60).

O corpo-casa-tela vibra, permitindo encontros e desencontros pela pele. Nesse momento, o corpo não é só espaço para inscrições, mas meio e mídia de comunicação, onde a palavra ganha voz após o gesto.

Nem tudo é dito em palavras: o dito pode ser o choro, ruídos ou o silêncio. A palavra falada é vital, no canto, na entonação, na oralidade. Compreender outras formas de dizer abre ao corpo novas possibilidades, expandindo sua interação com o mundo e consigo mesmo.

Grafar a si mesmo, seja pela imagem, pela escrita ou por outras práticas de reinvenção subjetiva, é um gesto político. O corpo, para além de um locus material, é também um espaço subjetivo-imagético, social e político. Onde, marcar o corpo é marcar território, e esses territórios performam gêneros, raças e identidades.

Assim, as inscrições no campo do sensível, que afetam o corpo estética e politicamente, se costuram ao corpo-casa-tela, grafando novos sentidos e modos de comunicação com o mundo e consigo mesmo. A estética que se funda na sensibilidade, é espaço onde a experiência se configura ao que pode ser partilhado, um convite a pensarmos que comunicar é também ocupar e disputar espaços, corpo e voz, fazendo com que, aquilo que era apenas ruídos se tornam palavras, vozes.

O tempo que se dobra no corpo: poéticas do corpo-tela

A partir das poéticas sensíveis e da noção espiralar de tempo, procuro me debruçar, neste subcapítulo, sobre as estéticas do corpo-tela e como elas permanecem em meu imaginário, um corpo em espiral que se apresenta como dispositivo e condutor, tela e superfície de grafias. Aqui, o corpo-tela é também corpo-imagem: manifesta-se por imagens reais e mentais, aliado ao vivido, às suas vibrações e gerando pensamentos.

O corpo, assim instituído e constituído, faz-se como um corpo-tela, um corpo-imagem, acervo de um complexo de alusões e repertório de estímulos e de argumentos, traduzindo certa geografia política do corpo: o corpo pólis, o corpo das temporalidades e espacialidades, o corpo gentrificado, o corpo testemunha e de registros. Um corpo historicamente conotado, que personaliza nossa rotina cotidiana, mas que, sem tréguas, escavam vias alternativas para uma outra existência, mais plena e cidadã. Um corpo/voz inventário que limpa, restabelece, restitui, reivindica, respira e inspira, em perene processo de cura, escavando vias alternativas de outros devires possíveis, sempre desejoso de transformações do corpus social. (Martins, 2021, p. 162)

Assim, pela perspectiva do corpo-tela, compreendemos as imagens para além do visual, do que os olhos captam. A imagem também é sonora, pois “a escuta das imagens é uma das entradas para o universo em que os movimentos, os sons, as luminosidades e os aromas têm cores e desenhavam paisagens de saberes” (Martins, 2021, p. 78).

O corpo, neste contexto, também é movimento, tempo espiralar, performance contínua, onde o passado-presente-futuro coexistem no gesto, na pele, na memória. É a partir desse movimento espiralado, irregular, que se estrutura a subjetividade dos sujeitos, ao revisitar experiências vividas e inscritas no próprio corpo. “A reversibilidade que é estrutural, pois abraça retornos internos” (Bosi, 1992, p. 27), encontra no corpo-tela uma superfície em constante escrita e reescrita pelo tempo e pela experiência. Nesse tempo não-linear, estamos constantemente revisitando o passado para recriar o presente e esboçar novas possibilidades de futuro. Afinal, a ideia de futuro se entrelaça com a experiência do passado, o sujeito não existe sem ele. A partir dele, podemos res-

significar nosso modo de estar no mundo, em relação a nós mesmos e àqueles que vieram antes, possibilitando o nosso presente-futuro.

Dando seguimento à noção de corpo-tela, ou melhor, corpo-imagem, é essencial ressaltar a importância das poéticas e epistemologias sensíveis, capazes de legitimar as imagens e as complexas formas de saber nas quais eles são instituídos e disseminados, entre os meios de comunicação e conhecimento. Na filosofia africana, Leda Maria Martins, aponta que consideram:

conhecimentos da performance oral, como significativa para a inscrição das experiências de temporalidade e para sua elaboração epistêmica - a palavra oraliteratura se inscreve no corpo e em suas escanções e produz conhecimentos. (Martins, 2021, p. 32)

Vivemos em um tempo capturado pela palavra e a palavra, como lugar de memória, enaltecida principalmente pela cultura ocidental. Por isso, é preciso ressaltar, o valor da arte não escrita, pensar o falar e escutar como formas legítimas de leitura crítica do mundo, a partir do lugar da experiência do corpo. A oraliteratura tem sua importância não apenas por seu vínculo com os rituais, mas também por suas sonoridades, vocalidades, gestos, desenhos, traços, cores, sabores. Deste modo, as imagens e as narrativas orais se tornam práticas e linguagens de enfrentamento, reinscrição e reinvenção subjetiva.

No gesto de grafar, encontramos o “sinônimo de uma experiência corporificada, de um saber encorpado, que encontrava nesse corpo em performance seu lugar e ambiente de inscrição” (Martins, 2021, p. 36). Assim, podemos dar sentido a partes da história que prezam pelo esqueci-

mento de determinadas práticas, e que aqui encontram estratégias de empoderamento por meio da performance da memória, formas legítimas de saber e criação. Afinal:

corpo/corpus estilística e metonimicamente, como locus e ambiente de saber e da memória, o que faz da superfície corporal, literalmente, texto, e do sujeito, intérprete e interpretante, enunciado e enunciação, conceito e forma, simultaneamente. (Martins, 2021, p. 175)

Retomando a concepção de tempo espiralar, não como linha reta com início e fim, mas como um tempo que subverte a cronologia, geramos intersecções e movimentos em que um mínimo gesto pode suscitar os sentidos mais complexos. Em que há:

A existência de regularidades pontuais, nas quais o “ritual” é o que se aproxima como elemento constante, o elemento comunicacional e repetitivo na dinâmica do processo, o elemento marcante na atividade cotidiana do fazer o movimento, o gesto, a voz, o ritmo e a elaboração de um idioma do corpo em seus modos produzir presença e se locomover. É na intersecção e na articulação destes elementos no fazer do ato ritual que a unidade de linguagem, estética, ética, pensamento e sentido é operada. O corpo aparece como potente manifesto de múltiplos cenários e figura-fundo de toda a construção do processo para o qual ele atua de maneira consistente a evocar o estado de ser, a condição do estar e a manifestação do pensar. (Tavares, 2020, p. 48)

O corpo-casa-tela que habita este texto é, justamente, um corpo que deseja falar e ser escutado. Um corpo que convida à escuta sensível, pelas imagens e palavras, pelos silêncios diante das experiências vividas e das possibilidades de criação de mundo. Em diálogo com Martins, acredito que temos nas imagens “formas pensantes”, que de vários modos:

nos afetam e cuja recepção e percepção tem o poder de também afetar e prolongar, no tempo as imagens e suas aderências, pois, toda imagem [...] nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar. (Martins, 2021, p. 79)

Portanto, encontramos nas imagens meios de acessar as diversas camadas que se constroem através da subjetivação, da sensibilidade e da experiência. No gesto da escuta, imagens que vão e voltam, palavras que reverberam, traços estruturam-se como lugar de saberes e memórias. É possível, então, costurar as camadas que se somam para dar corpo a si, a uma outra coisa, a um outro alguém. Uma vida imaginada. Um corpo possível. Uma realidade que se possa viver.

O corpo como casa utópica: entre memórias e heterotopias

Novamente volto à ideia do corpo como esse “espaço” do qual não podemos nos separar. Em qualquer lugar, a qualquer instante, ele está ali, ou melhor, aqui. Assim, em consonância com Foucault, percebo-me, às vezes, reverberando em suas palavras, quando ele nos lembra que:

meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que jamais se encontra sob outro céu, lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido. estrito, faço corpo (Foucault, 2013, p. 7).

Habitar o corpo, lugar que beira entre o abrigo e a estranheza. Mas, contextualizando essa casa-corpo, me deparo a pensar no que significa a casa, espaço simbólico, território onde a afeti-

vidade, a memória, o desencontro se entrelaçam. Entendo a casa como um dos primeiros lugares de encontro do sujeito com o mundo e consigo mesmo. Tornando-se assim, um espelho, onde corpo e casa se entrelaçam como superfícies de inscrição, revelando narrativas íntimas e modos de encontrar-se no mundo. Esse “lar” pode ser também um espaço de silenciamento, vigilância e invisibilidade. A casa é como a primeira “página” onde o corpo é escrito fora de si. É como um espelho a ser desvelado: talvez o outro, talvez o próprio corpo, se encontra, dividido entre o que disseram que seria e quem insistiu em ser.

Desencadear a imagem de si mesmo. A história, inacabada, sempre em crescente, diz o que muitas vezes não é capaz de dizer a si mesmo. Retratar é como desvelar outras histórias, amarrar em uma linha e ir puxando para o mais perto possível. Deixar que os nós se embaracem enquanto a agulha vai passando ponto a ponto sobre o tecido, parar, repensar qual é o ponto necessário para seguir.

Todos os dias nos observamos. Meus olhos cambaleiam por todos os espaços do meu corpo, percebo as texturas ou os movimentos e gestos aqui, ao olhar no espelho, me vejo fragmentada, presente e ausente em mim. Me pergunto se esse rosto que vejo é realmente meu. Dedos redondos, olhos castanhos. Todas as manhãs, a mesma presença. A nossa visão, fragmentada, observa partes do fora em etapas. Assim, para nos enxergarmos por inteiro, é preciso ir mais longe, se afastar. Para nos vermos com maior nitidez, ao chegarmos mais perto, nos vemos em pequenos pedaços. Permanecemos nesse vai e vem entre a intimidade e a separação.

Metamorfo, esse corpo-casa que por vezes se encontra perdido, sem saber onde ir ou voltar, se perde, ressabiado, “o corpo, fantasma que só aparece na miragem dos espelhos” (Foucault, 2013, p. 11), impõe sempre esse encontro. Permanecendo, assim, sempre vigilante em si.

Mas, ao voltar a ponderar o corpo como esse espaço ao qual estamos atrelados a todo momento, me pergunto: será que a nossa presença se faz sempre constante? Ao pensarmos no corpo como um lugar de fronteira, de contato contínuo com o outro e o mundo, me faz pensar no corpo como esse outro, um lugar de passagem, onde nossa travessia continua a se mover, permitindo que ocupemos outros lugares para além do “aqui”. E assim, penso que “verdadeiramente, enganara-me, há pouco, ao crer que o corpo jamais estivesse em outro lugar, que era um aqui irremediável e que se opunha a toda utopia” (Foucault, 2013, p. 14). Ao nos conectarmos ao nosso entorno, podemos intuir que:

corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois, é em torno dele que as coisas estão dispostas. (Foucault, 2013, p. 14)

E aqui chegamos a um ponto chave, onde os conceitos de casa e corpo se entrelaçam, e o corpo assume esse lugar de casa, que abriga tanto aspectos físicos quanto afetivos, memórias e sensibilidades. O corpo me lembra casa. Reflito sobre quais são esses espaços do corpo e tudo que pode haver dentro. Se pensarmos na casa pela ideia tradicional, ela pode ser formada por um ou vários cômodos, onde algo a habita, que nos faz sentir abrigados, sentirmos que fazemos parte, ou não. Mas também, a casa pode ser uma pessoa, uma memória, um sentimento.

Então, se pensarmos o corpo como casa, podemos nos perguntar: esse corpo que habitamos nos causa sensação de pertencimento? E se não causa, quais são as inquietações que não nos deixam sentir abrigados dentro do nosso corpo ou nos lugares por onde transitamos?

Por outro lado, a repetição da presença se reflete através da imagem que enxergamos no espelho. Essa utopia implacável, essa familiaridade, pode desgastar nossa experiência. Onde a recorrência sem conexão, onde a velocidade e a falta de silêncio interferem nas nossas memórias, na nossa percepção de mundo. As coisas diárias, que seguem sucessivamente, os detalhes antes vistos, se embaçam, e perdem suas nuances (Foucault, 2013). No qual, ao interpretar esse trecho, veem em mente as palavras de Larrosa: “o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (Larrosa, 2015, p. 25).

E esse meu corpo de caramujo, onde não posso viver sem a concha, e que, como forma de apagá-lo ou sobreviver entre tantas existências, criamos outras. É aí que nascem as utopias. Foucault abre caminho para o entendimento de que:

A utopia é um lugar fora de todos os lugares, mas um lugar onde eu teria um corpo sem corpo, um corpo que seria belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal na sua potência, infinito na sua duração, solto, invisível, protegido, sempre transfigurado; pode bem ser que a utopia primeira, a mais inextirpável no coração dos homens, consista precisamente na utopia de um corpo incorporeal. (Foucault, 2013, p. 8)

Em Foucault (2013), compreendemos que a utopia, é um “lugar fora de todos os lugares”, projeção de um corpo incerto, incorpóreo, um corpo que se sonha para escapar da própria mate-

rialidade, um corpo mutável que anseia pelo mais profundo, por algo outro. Já a heterotopia opera de modo inverso, trata-se de espaços reais que funcionam como contraespaços, projetando o corpo a um espaço-outro, onde ele é deslocado, reinscrito e tensionado. A “heterotopia é um livro aberto, que tem, contudo, a propriedade de nos manter fora” (Foucault, 2013, p. 27). Enquanto a utopia tende a apagar o corpo na idealização, a heterotopia o coloca em um lugar “sem lugar de seus sonhos”, em um modo de não-presença. É nesse contexto, entre o corpo que sonha e o corpo que ocupa e performa territórios que o corpo-casa se faz presente. Onde a utopia só pode existir porque há um corpo, e é da experiência corporal, com suas limitações e desejos, que ela emerge.

Assim, em seu livro *corpo utópico, as heterotopias* (2013), Michel Foucault descreve a sensação de desconforto que o sujeito experimenta ao habitar o próprio corpo. Novamente, ao trazermos essa perspectiva do corpo como esse lugar intransferível, a mesma presença, como uma roupa que não podemos trocar, apenas no máximo, fazer interferências, o corpo, tão visível, também pode passar a ocupar espaços de invisibilidade.

Utopias também surgem da necessidade de apagarmos de nós algumas coisas, assim como da necessidade de apagar outros corpos. Aqui, reconhecemos que:

A mais possante dessas utopias pelas quais apagamos a triste topologia do corpo, nos foi fornecida, desde os confins da história ocidental, pelo grande mito da alma [...] é meu corpo liso, castrado, arredondado como uma bolha de sabão. (Foucault, 2013, p. 9)

Para que assim, se ganhe outras presenças, “exatamente, como se poderia imaginar, adquirir outro corpo, simplesmente um pouco mais belo, melhor decorado, mais facilmente reconhecível” (Foucault, 2013, p. 12). E talvez, seja nesse momento que a casa se encontra com a luz apagada.

Há países sem lugar e histórias sem cronologia [...] muito simplesmente porque não pertencem a lugar algum. [...] ou ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos, no vazio de seus corações; numa palavra, é o doce gosto das utopias. No entanto, acredito que há - e em toda sociedade - utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias. (Foucault, 2013, p. 19)

Por outro lado, o corpo-casa-tela se revela como um lugar onde percursos e espaços se encontram. O corpo torna-se, assim, um ponto em que está em todo lugar e em parte alguma. Como Foucault nos sugere, ao abrir brechas no modo como pensamos o corpo:

Ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino. Percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. (Foucault, 2013, p. 14)

Diante disso, essas experiências ganham dimensão na memória corporal e suas inscrições. O corpo se comunica, se insere em suas próprias percepções, criando outros espaços para habitar, evocando o corpo-casa como um espaço heterotópico, híbrido, em transformação. Um lugar outro. Um abrigo e também um entre-lugar.

CARTOGRAFIAS VISUAIS DO CORPO-CASA-TELA_

Se até aqui as palavras traçaram linhas, agora são as imagens que falam. São fragmentos do corpo, da casa e da tela que se entrelaçam como inscrições visuais. Cada fotografia, desenho ou colagem é uma forma de dizer aquilo que escapa à linearidade da escrita.

As imagens que seguem configuram uma cartografia sensível, onde corpo, a casa e o tempo se entrelaçam. Nela, linhas, formas e texturas evocam pertencimento e deslocamento, memória e esquecimento, utopia e raiz. Assim, o corpo-casa-tela se expande para além do texto e, como imagem, se apresenta como gesto político e inscrição poética.

Figura 1 - Dançar sobre o céu, existir sob a terra. Colagem s/ fotografia digital.

Dimensões variadas, 2021.



Fonte: Ferreira, 2020.

Dançar sobre o céu, existir sob a terra é uma série de fotografias experimentais que pensa a palavra-imagem como estética visual. O gesto de criar surge como uma tentativa de compreender e viver a vida, como se cada traço fosse um modo de respirar e existir. Ao se pôr nas fotografias e na escrita, o corpo encontra uma forma de dizer suas inquietações, de traduzir aquilo que não se acomoda ao silêncio.

Nesse processo, a linha é a raiz que tanto constrói a imagem quanto sustenta a palavra, costurando sentidos que atravessam o corpo e se apresentam como uma série que dança sob o céu e se ancora sobre a terra: composições feitas a partir das fotografias sobrepostas, em que sombras do corpo se entrelaçam com raízes e palavras.

Essa prática se insere como parte das cartografias visuais do corpo-casa-tela, em que cada sobreposição é uma tentativa de registrar movimentos internos e externos, de inscrever o corpo no espaço e criar uma morada transitória nas imagens.

Figura 2 - Corpo-raiz. Aquarela, lápis de cor e extenso s/ papel A4, 2018.



Fonte: Ferreira, 2020.

Deste modo, também trago a série corpo-raiz, que para mim dialoga profundamente com os conceitos apresentados nos últimos subcapítulos por Leda Maria Martins e Michel Foucault. Nessa série, desenrolo esse corpo que, com os pés aterrados sob a terra, tem suas raízes fixadas ao chão, ao mesmo tempo em que se agarra e alastra, percorrendo outros lugares, outros mundos, assim como o corpo que carregamos como casa utópica, estruturada sobre o chão. E assim, a partir dessas cartografias visuais, espero ter trazido um pouco desse corpo-casa-tela que se desenrola em imagens-palavras, experimentado por texturas, nuances, formas e pelo corpo como meio de expressão e construção estética.

ATERRAR AS PALAVRAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS_

Por meio do pensamento do corpo-casa-tela, conceito que dá nome ao título do artigo, tentei estabelecer aproximações, entre os pensamentos do corpo-casa, através das leituras de Michel Foucault em *Corpo utópico*, e *as heterotopias* (2013), e a ideia do corpo-tela, elaborado por Leda Maria Martins em *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela* (2021) como referências principais, além das outras leituras complementares, para criar diálogos, e ampliar meu entendimento acerca dos temas. Esse cruzamento entre autores e conceitos me possibilitou expandir pensamentos sobre como o corpo, tão falado, em diferentes campos do conhecimento, pode ser compreendido através do tempo que desloca o sujeito entre passado-presente, em movimento espiralar.

É necessário criar possibilidades e caminhos a epistemologias sensíveis, que entendam esses “espaços” do corpo, em suas diversas texturas e camadas, proporcionando espaços de escuta e vibração, através desse sujeito da experiência. O corpo não ocupa apenas um lugar no mundo, mas o inscreve e é inscrito por ele, onde palavras, imagens e gestos se entrelaçam como práticas de subjetivação, sendo suporte e superfície de criação, possibilitando, assim, reflexões para entender o corpo como território simbólico e político.

Ao revisitar experiências vividas e inscritas no próprio corpo, podemos ressignificar nosso modo de estar no mundo, em relação a nós mesmos e àqueles que vieram antes, possibilitando novas imagens de um passado-presente-futuro. Afinal, o corpo-tela também é um corpo-imagem, no qual é atravessado pelas suas imagens, interagindo com um mundo do qual gestos, escrita, não-escrita, pensar e falar se tornam formas legítimas de escutar a si e o seu entorno. Isso possibilita novas leituras críticas do mundo, a partir do lugar da experiência do corpo, reinventando a si e elaborando novas formas do corpo-casa-tela de se posicionar no mundo.

REFERÊNCIAS_

BOSI, Alfredo. Sobre tempo e história. In: Novaes, Adauto (org). Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FAGUNDES CAVALHEIRO, R.; RIBEIRO MEIRA, M. Arte, estética e comunicação: novas possibilidades de interação e compartilhamento na pós-modernidade. Paralelo 31, v. 1, n. 4, 15 jun. 2015.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 ed. 2013.

GREINER, Christine. O corpo: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

HENCKE, J. Revelações do corpo: possibilidades de uma experiência estética. *ouvirOUver*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 054-067, jan./jun. 2022. DOI: 10.14393/OUV-v18n1a2022-61023.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAFFESOLI, M. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 20, abrs. 2003b.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NANCY, Jean-Luc. 58 indícios sobre o corpo. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 42–57, 2012. DOI: 10.35699/2316-770X.2012.2710. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2710>. Acesso em: 21 jul. 2025.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulinas/UFRGS, 2006.

TAVARES, Júlio (org). Gramáticas das corporeidades afrodiasporicas, perspectivas etnográficas. Curitiba: Appris Editora, 2020.